

IX SEMANA DA PEDAGOGIA

ALUNOS COM TEA E ALFABETIZAÇÃO: INCLUSÃO DE ATIVIDADES ACESSÍVEIS

FIRMA, Walquiria¹

CRISTOFOLETI, Rita de Cassia²

NUNES, Isabel Matos³

Resumo: Este artigo é uma análise da proposta de intervenção desenvolvida na disciplina de PIEPE V do curso de pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (Ceunes) que contempla a falta de inclusão dos alunos com transtorno do espectro autista nas atividades em sala de aula do ensino comum e a sobrecarga de responsabilidades colocadas nas professoras de AEE de suprir as lacunas educacionais pela falta de elaboração de materiais acessíveis para que os alunos com TEA possam ser alfabetizados em conjunto com os demais alunos da sala de aula.

Palavras-chave Alfabetização. TEA. Material Acessível.

Introdução

A educação inclusiva nos últimos anos tem ganhado notoriedade, uma vez que, é visto a problemática de se segregar os alunos com necessidades e especificidades de aprendizagem. Esse artigo vai focar na minha experiência observando um aluno com TEA no primeiro ano do ensino fundamental dos anos iniciais.

A educação básica - anos iniciais - é a fase do desenvolvimento dos alunos e sua alfabetização é feita, e esperada, do 1º ano até o 2º ano. Espera-se que ao chegarem no terceiro ano inicial do ensino fundamental já saibam ler e escrever preferencialmente com letras cursivas, contudo, quando se entra nas salas de aula é notório como esse plano de alfabetização não inclui os alunos no espectro autista. O processo de alfabetização desses alunos acaba sendo mais lento em detrimento de

¹ Aluna do curso de pedagogia do Centro Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo, E-mail: walquiria.garcia@edu.ufes.br

² Professora da Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Universitário Norte do Espírito Santo - Campus São Mateus. E-mail: rita.cristofoleti@ufes.br

³ Professora da Universidade Federal do Espírito Santo - Centro Norte Do Espírito Santo. E-mail: isabel.nunes@ufes.br

esperar que eles tenham essa atenção apenas nas salas de AEE, geralmente uma ou duas vezes na semana.

Com isso, esses alunos de alguma forma são sempre colocados como uma parte isolada das turmas na hora das atividades, folhas diferentes, mas não necessariamente elaboradas segundo suas especificidades de aprendizagem, na verdade, o material que se vê hoje e é apontado como adaptado são apenas atividades com níveis mais simples de solução ao invés de um material pensado para atender as necessidades e que possibilitem a alfabetização plena dos alunos. Como foi no caso do aluno que eu observei, o chamarei de *Arcanjo*, em que ele não fazia as atividades com os colegas de sala - que eram em sua maioria em folha impressa -, mas na sala de recursos, já conseguia juntar as sílabas em um processo de alfabetização efetivo. Esse avanço na alfabetização de Arcanjo só se fez possível pelo esforço da professora da sala de AEE e da cuidadora do aluno, que trabalhavam em conjunto, durante o atendimento dele na sala de recursos duas vezes na semana.

Não posso dizer que a professora regente não fazia nada em relação ao aluno, mas era complicado para ela lidar com 20 alunos e Arcanjo, em atividades coletivas de interação Arcanjo ficava e participava, mas não havia muito delas para que ele pudesse estar ativamente no processo. Isso reflete a realidade atual da falta de preparo das escolas para atender esses alunos e o desamparo deixado pelo governo para com as comunidades escolares que autonomamente - muitas vezes - se adaptam para melhorar os atendimentos dos alunos.

O desenvolvimento de novos métodos e técnicas de ensino baseados nos princípios de modificação de comportamento e controle de estímulos permitiu a aprendizagem e o desenvolvimento acadêmico desses sujeitos, até então alijados do processo educacional. “O deficiente pode aprender”, tornou-se a palavra de ordem, resultando numa mudança de paradigma do “modelo médico”, predominante até então, para o “modelo educacional”. A ênfase não era mais a deficiência intrínseca do indivíduo, mas sim a falha do meio em proporcionar condições adequadas que promovessem a aprendizagem e o desenvolvimento (Glat; Kadlec & Glat, 1984, p. 37).

Esse reflexo também espelha como as habilidades desses alunos são subestimadas, apenas por não terem interesse em fazer atividades em folhas impressas, como se essa falta de interesse fosse falta de habilidade ou capacidade. Durante minhas observações ficou claro que o aluno era criativo, sagaz e poderia ter um aproveitamento muito melhor desse processo de alfabetização se fossem utilizados recursos além de folhas impressas.

1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Tema: Animais da fazenda

Componente curricular a ser trabalhado: Português e Matemática

Objetivos

- Auxiliar na fase alfabetização e desenvolvimento do pensamento lógico matemático do aluno com TEA em conjunto com os outros colegas de sala.

1.1 Justificativa da Proposta

Durante as minhas observações no estágio obrigatório notei que o aluno com TEA não gostava de ficar em sala de aula fazendo as atividades em folha como os outros alunos e nem copiar nenhum conteúdo do quadro, porém, em aulas com maior interação social como educação física, filosofia (onde a professora costumava dar uma volta com os alunos na área externa) e informática ele ficava e participava das aulas ativamente. Em conversa com a professora da sala de recursos ela me contou que o aluno já conhecia todas as letras do alfabeto e havia começado a juntar as sílabas.

Na sala de recursos multifuncionais os alunos atendidos têm acesso a um próprio computador e materiais lúdicos e acessíveis como jogos de alfabetização e atividades diversas. O aluno observado se mostrou muito ativo e extrovertido depois de se acostumar com a minha presença na sala de aula do ensino comum, tem muita habilidade em atividades manuais e modelar na massinha.

Com base nas observações e em conversas com as professoras que o acompanham chegamos na temática "*Animais da fazenda*" (que é o hiperfoco desse aluno) no qual fui aconselhada a trazer essas atividades para a sala de aula e introduzir os colegas do aluno nesses momentos. A proposta dessa temática é criar uma "fazenda" com atividades relacionadas, como atividades com a inicial do nome dos animais e quais outras palavras também têm essa mesma inicial, construir frases - faladas e escritas - com os bichos e fazer atividades de matemática com agrupamentos, quantidades, quantos ficam ao retirar uma certa quantidade e quanto fica ao adicionarmos uma certa quantidade. Atividades de modelagem para desenvolver a criatividade e percepção de imagem também foram cogitadas.

Quando questionei se seria melhor fazer as aulas na sala de aula do ensino comum ou na sala de recursos multifuncionais a professora do AEE me aconselhou a

fazer as atividades em conjunto, relatando que por mais que o aluno tenha esses momentos com ela para complementar a alfabetização os momentos em conjunto o estimulam mais, e pelo objetivo da proposta seria melhor ter essas atividades em conjunto com as outras crianças.

Conteúdos trabalhados:

Animais;

Separação silábica;

Produção de texto oral;

Ditado coletivo (os alunos nomeando os animais)

Adição;

Subtração.

1.2 Metodologia das intervenções

Por exemplo, nas atividades de matemática devem levar X quantidades de animais para o curral e analisar quantos animais “restaram” de fora, quantos animais ficam no “curral quando adicionamos ou subtraímos outras quantidades. Nas atividades de português, quais os animais têm ali, quais suas iniciais e como seria a história da fazenda, quais outros animais ou objetos compartilham das mesmas iniciais dos animais da nossa fazenda imaginária. Algo que possa ser feito e reproduzido em outros momentos e na casa das crianças também.

1º dia: Na segunda-feira ao chegar na escola para dar início a produção do material, fui informada de que como a turma estava com aplicação de diagnóstico de aprendizagem e não teria como aplicar o projeto como o esperado, então, me dirigi junto ao aluno e a cuidadora até a sala do AEE e ali demos início.

Nos acomodamos no espaço do AEE e com ajuda da professora responsável pela sala de recursos chamamos a atenção de *Arcanjo* até as folhas colocadas sobre a mesa, que ao perceber que eram figuras de animais que ele adorava, demonstrou muita empolgação sinalizando isso em forma de reproduzir o som de cada animal. Quando se acalmou um pouco, então, pedi que ele contasse quantos animais de cada espécie tinha; Em um primeiro momento pareceu que não iria me responder mas, com o passar dos minutos, ele assim o fez e contando cada um dos animais, após isso começou a pintar os desenhos.

Quando fui recortar os animais Arcanjo observou calado e atento a primeira fileira de cavalos serem recortadas e como eu segurava no papel, depois disso ele falava o nome dos animais que ele gostaria que eu recortasse e segurava a folha para me ajudar a ter mais firmeza. Finalizamos essa parte e o Aluno recolheu as peças cortadas mas não quis entregar, dizia sonoros e firmes “- Não, não, não” é então que queria voltar para a sala de aula. Ele caminhou para fora e eu pedi para que ele me esperasse para irmos juntos. Arcanjo me olhou e esperou, fomos juntos e ao chegar na sala de aula falei com a professora e em conjunto conseguimos pegar as peças dele.

2º dia: quarta feira retornei à escola para continuar a aplicação, agora com as atividades, mas ao chegar na escola era aula de artes e a professora me disse que *Arcanjo* não estava presente, agradei e fui embora. No dia seguinte voltei para tentar aplicar novamente, porém, chegando lá a professora regente me disse que ele não tinha ido novamente e que, como a cuidadora do aluno tinha sido admitida em outro emprego, ele provavelmente não retornaria para a escola até que tivesse outra cuidadora para acompanhá-lo. Até o presente momento não foi possível aplicar a segunda parte da proposta de intervenção, mas foi possível notar que o aluno está em um processo de alfabetização satisfatório.

1.3 Materiais desenvolvidos para a intervenção

Uma “fazenda” construída em cima de caixa de papelão na qual a ideia é que os animais sejam manipulados, setorizados e manuseados em prol das atividades. A fazenda foi confeccionada com uma caixa de papelão medindo aproximadamente um metro, sua superfície foi pintada com tinta guache marrom e verde e para alguns detalhes foi utilizado giz pastoso nas cores azul e preto. Os animais foram feitos de papel e colados em papelão para terem uma maior durabilidade, os mesmos foram coloridos com lápis de cor pelo aluno alvo da pesquisa.

Para a atividade silábica foi feito o nome dos animais separados por sílabas e o alfabeto completo em folha de ofício, escritos em canetão preto, para as atividades de matemática e pensamento lógico foram escritos os números e símbolos das operações matemáticas em canetão preto.

1.4 A avaliação do trabalho realizado e da aprendizagem do aluno.

O trabalho não pode ser concluído com êxito por questões maiores, mas foi possível ver que apesar das dificuldades e especificidades de Arcanjo ele é um aluno que apresenta boa compreensão, é esperto e sagaz. A dicção é boa e apresenta uma boa análise do ambiente como pude notar enquanto estávamos recortando os animais. Bastou apenas algumas imagens recortadas para que ele percebesse a intenção em prol de segurar o papel com firmeza, e, como era importante setorizar os animais para termos um controle de quantas unidades de cada espécie que tínhamos nas atividades.

Acredito que caso fosse possível finalizar o projeto, *Arcanjo* teria me mostrado melhor seu raciocínio nas atividades propostas. Muito se descredibiliza das habilidades dos alunos com TEA pelas especificidades, mas com o olhar atento e intervenções bem trabalhadas esses alunos são alfabetizados tão rápido e bem quanto os alunos considerados 'normais'.

2 Considerações finais

Mesmo sem a conclusão da aplicação foi possível notar como a educação inclusiva ainda é muito teórica, não temos na prática o que se prega. As salas continuam superlotadas, as atividades são pensadas para alunos neurotípicos, e aqueles que não se enquadram nisso são subestimados e negligenciados pelo sistema.

As professoras das salas de recurso se empenham em sua missão - que deveria ser de apoio - alfabetizando esses alunos e criando materiais realmente acessíveis, mas que não chegam nas salas de convivência comum uma vez que esses materiais fogem do padrão atual que é a utilização de folhas impressas e atividades maçantes de cópia. Pelo esforço observado acredito que se o sistema for modificado e esses materiais forem adotados para além das salas de AEE o desenvolvimento dos alunos com TEA pode saltar consideravelmente, e a qualidade do ensino melhoraria também em níveis consideráveis.

REFERÊNCIAS

KADLEC, V. P. S. e GLAT, R. **A criança e suas deficiências**: métodos e técnicas de atuação psicopedagógica. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1984.

R. GLAT; E.M FERNANDES. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira, Rio de Janeiro, Faculdade de educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, **Revista Inclusão**, no 1, 2005, MEC/ SEESP. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024